

INTERDITO E(M) TRANSGRESSÃO NA PERFORMANCE POIÉTICA DO FEMININO EM *POBRES CRIATURAS*

Isadora Brito da Silva (PIC/UEM), Renata Marcelle Lara (Orientadora), Thiago Henrique Ramari (Coorientador). E-mail: rmlara@uem.br.

Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
Maringá, PR.

Área e subárea do conhecimento: Linguística, Letras e Artes/Teoria e Análise Linguística.

Palavras-chave: Transgressão. Interdito. Corpoiético.

RESUMO

Pela Análise de Discurso materialista, o Projeto de Iniciação Científica (PIC-UEM) aqui focalizado, vinculado ao Projeto Institucional *O artístico como rasgadura da imagem: trajetórias discursivas em materialidades visuais*, articula as noções de interdito, transgressão e corpo discursivo nos entremeios do cinema-arte, discurso e psicanálise, tendo como material de análise o filme *Pobres Criaturas* (2023). O olhar para a personagem Bella, compreendida como corpoiético, leva a percorrer, como objetivo central, os caminhos *des*-estruturantes do corpo-sujeito Bella, seguindo vestígios da *performance* desse “corpoiético” enquanto materialização do “feminino *informe*” no jogo do interdito e(m) transgressão, pela emergência do *artístico* no trabalho da técnica cinematográfica. A metodologia movimenta *fragmentos cênico-artísticos* (Lara, 2023), nos enlances de autores como Bataille, Pêcheux e Didi-Huberman. A pergunta sobre “como a técnica cinematográfica discursiviza o interdito e(m) transgressão na *performance* poiética do feminino a ponto de fazer irromper o artístico como potência da arte” norteia a investigação do *corpus* e vai apontando que o sujeito-*estranho* Bella, ao confrontar interdições simbólicas e sociais ao longo do longa-metragem, inscreve-se em uma contínua *performance* poiética intensamente transgressora. Nesse movimento, sua trajetória tensiona normas, abrindo espaço para outras possibilidades de existência, articulando-se à técnica cinematográfica que, enquanto dispositivo discursivo, sustenta e intensifica os deslocamentos simbólicos promovidos pela personagem. A materialidade fílmica, assim, desestabiliza sentidos histórico e ideologicamente normatizados sobre o corpo feminino, o estranho e o anômalo. O encontro entre arte e técnica faz, assim, irromper o artístico como resistência, instaurando aberturas para modos de subjetivação que escapam ao controle e subvertem noções estruturantes normatizantes.

INTRODUÇÃO

Pobres Criaturas (2023), dirigido por Yorgos Lanthimos, põe em foco a figura de

Bella Baxter, corpo revivido e (re)feito em um experimento científico, cuja trajetória coloca em trâmite formas transgressoras e interditas na construção da identidade, da feminilidade e da subjetividade. Nesse movimento, o corpo desloca e reinventa, encenando um processo discursivo de desestruturação e ruptura com as formas instituídas de controle, obediência e normatização do desejo. Inscrito na Análise de Discurso materialista em entrelaçamentos com a Psicanálise, o Cinema e os Estudos da Imagem, o percurso do Projeto de Iniciação Científica (PIC) movimenta os objetivos específicos de compreender a noção de monstro/monstruosidade como uma construção jurídico-histórico-ideológica de anomalia, entre o “impossível e o proibido”, em relações discursivas com as noções de “estranho” e de “feminino *informe*”; deslinearizar sentidos sócio-históricos do interdito, relacionados a monstro/monstruosidade, estranho e feminino, ao movimentar, teórico-analiticamente, tal noção conceitual em Bataille e Orlandi no trajeto da personagem Bella como um corpo que experiencia o erotismo enquanto potência transgressora; observar o ponto de des-encontro do trabalho da técnica na estruturação/sustentação/irrupção do *artístico* no percurso performático transgressor do corpo*ético* Bella como “feminino *in-forme*”.

Ao mobilizarmos o dispositivo discurso *o artístico como rasgadura da imagem* (Lara, 2023) na observação discursiva de *fragmentos cênico-artísticos* que compõem o *corpus*, o percurso investigado vai respondendo à inquietação sobre como a técnica cinematográfica discursiviza o interdito e(m) transgressão na *performance* poética do feminino. Assim, vai tensionando a discursividade técnico-estética-discursiva do cinema ao acompanhar o percurso performático de Bella como sujeito-*estranho*, corpo*ético* e feminino *informe*, a ponto de fazer irromper o artístico como “potência da arte”. Nesse processo, o social é rasgado e reconfigurado por forças que escapam à regulação, abrindo espaço para a emergência do *informe* enquanto potência significativa da imagem e como dispositivo de resistência.

MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa fundamentada na Análise de Discurso materialista, conforme desenvolvida por Michel Pêcheux, opera no entrelaçamento das categorias discursivas da Psicanálise, da Análise Fílmica e dos Estudos da Imagem. O gesto analítico, conduzido pelo dispositivo *o artístico como rasgadura da imagem* (Lara, 2023), permite observar, nas materialidades visuais, os modos de fissura e deslocamento simbólico em relação ao instituído. O *corpus* é composto por *fragmentos cênico-artísticos* do filme *Pobres Criaturas* (2023), selecionados a partir da recorrência de sentidos que tensionam interditos culturais, técnicas de controle e formas de assujeitamento. Tendo como entrada no material a personagem Bella, compreendida como corpo*ético* (Lara, 2024), os fragmentos analisados permitem olhar a inquietude do feminino enquanto potência transgressora e *informe*. A noção de transgressão, central neste percurso, é operada a partir da leitura de Georges Bataille (1987), especialmente em sua formulação do erotismo como espaço de violação do interdito, emaranhada à compreensão discursiva do interdito como

silenciamento. Intrincado a tais enlaces, Didi-Huberman (2015) nos permite olhar para fissuras anacrônicas da imagem “*in-forme*” Bella, e Aumont e Marie (2004) norteiam o conhecimento de procedimentos da linguagem fílmica que interessam como parte constitutiva das condições de produção do discurso cinematográfico. De forma também intrincada, as formulações de Pêcheux (1990) sobre deslocamento e inversão discursiva sustentam o movimento analítico ao observar a construção de sentidos para o corpo como materialização do feminino *informe* em *Pobres Criaturas*.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise do *corpus*, que movimenta fragmentos cênico-artísticos, dá a ver o funcionamento do corpo-Bella como materialização do estranho e daquilo que, por não se encaixar nas formas reguladas do social, é posto à margem. Bella, biologicamente tida como mulher, mas com um cérebro de bebê, um corpo revivido e (re)feito cientificamente, figura como um sujeito que escapa ao controle, sendo, inicialmente, compreendida como aquilo que precisa ser domesticado para entrar no circuito da normatividade. Em sua constituição contraditória, desestabiliza as expectativas associadas ao que é considerado “natural”, “belo” ou “adequado”, instaurando um deslocamento simbólico em relação à lógica disjuntiva, denunciada na perspectiva pecheutiana, que sustenta o mundo tomado pelo efeito de normalidade.

A personagem Bella atualiza a figura de Frankenstein, mas com uma diferença crucial: o “estranho” agora se manifesta como feminino. Feminino que subverte o convencional e tensiona as estruturas que sustentam o mundo normatizado, performando artisticamente por meio de experimentações, desejos e vivências não reguladas, sendo fissura no discurso da ciência, da moral e da estética, tornando-se lugar de transgressão e potência poética, não apenas por aquilo que representa, mas pela maneira como performa a recusa, pelo feminino *informe*. Nesse sentido, o filme se inscreve em uma estrutura discursiva que confronta a lógica social ao tornar visível um corpo que não responde aos filtros de uma mulher conformada com as normatividades. O campo da ciência, enquanto instituição legitimadora da verdade, aparece ora como dispositivo de controle (na criação e contenção de Bella), ora como espaço de ruptura, abrindo margem para o desvio, para o que escapa à norma e exige reavaliação dos critérios que sustentam o mundo estabilizado. A linguagem cinematográfica, em seu funcionamento discursivo, faz irromper o artístico como instância de perturbação no/pelo trabalho *des-estruturante* da técnica. Bella, como a imagem do que desloca, sua corporeidade, sua estética e sua trajetória discursiva transgridem o espaço social normalizado e instaura a arte como subversão.

CONCLUSÕES

O percurso analítico da/pela materialidade fílmica *Pobres Criaturas* (2023) aponta o funcionamento do corpo-Bella como figura do feminino *informe*, constituído na

transgressão e atravessado por interditos discursivos que operam em campos como a ciência, a moral e a estética. O dispositivo do *artístico como rasgadura da imagem* permite compreender, assim, como a linguagem artístico-cinematográfica instaura deslocamentos simbólicos que desestabilizam o mundo normatizado, tensionando os limites do visível e do dizível. Sendo assim, Bella se configura como sujeito estranho, corpo*i*ético, cuja trajetória performática rompe com as estruturas instituídas de controle, instaurando a arte como espaço de resistência e perturbação. Desse modo, torna-se possível compreender como o interdito e(m) transgressão é discursivizado na visualidade fílmica, fazendo emergir, no encontro do artístico com a técnica, sentidos que deslocam e reconfiguram modos de subjetivação, marcados pelo estranhamento do feminino *informe* que se entremeia nas transgressões do *corpus*.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família e amigos pelo apoio incondicional, e à Universidade Estadual de Maringá pela viabilização deste projeto de pesquisa em nível de graduação. À professora Renata Marcelle Lara pela orientação criteriosa e rigor teórico, e ao professor Thiago Henrique Ramari, pela coorientação atenta e pelas contribuições metodológicas. Agradeço, ainda, ao Grupo de Pesquisa em Discursividades, Cultura, Mídia e Arte (GPDISCMIÍDIA-CNPq/UEM), pelo espaço de formação e aprofundamento analítico proporcionado ao longo do desenvolvimento deste trabalho. E enfim, às pertinentes discussões que levam o audiovisual a ter sua potente viabilização artística e formas de experimentar visões sociais-críticas do mundo que discursiviza.

REFERÊNCIAS

AUMONT, J.; MARIE, M. **Dicionário teórico e crítico de cinema**. 5. ed. Campinas: Papirus, 2012.

BATAILLE, G. **O erotismo**. Porto Alegre: L&PM, 1987.

DIDI-HUBERMAN, G. **A semelhança informe**: ou o gaio saber visual segundo Georges Bataille. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.

LARA, R. M. O analista de discurso no espaço entre das tensões em processo. *In*: SOARES, Alexandre Sebastião Ferrari Soares; GARCIA, Dantielli Assumpção; VIEIRA, Norma (org.). **Tornar-se analista de discurso**. Campinas: Pontes, 2023. p. 85-108.

PÊCHEUX, M. Delimitações, inversões, deslocamentos. **Caderno de Estudos Linguísticos**, Campinas, n. 19, p. 7-24, jul./dez. 1990.